

ABORDAGEM PSICOSSOMÁTICA DO ACIDENTE OFÍDICO: DESCRIÇÃO DE CASO

PSYCHOSOMATIC APPROACH OF THE SNAKEBITE

Rejâne M. Lira-da-Silva¹ e Milton L. de Souza²

¹Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (NOAP), Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA; ²Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil

A história das representações da saúde e da doença foi sempre pautada pela inter-relação entre os corpos dos seres humanos e as coisas e demais seres que os cercam, incluindo serpentes, fonte de adoração, culto e medo. Este trabalho tem como objetivo apresentar a reconstrução de um caso de doença mental atribuído ao envenenamento por cascavel, ocorrido na zona rural de Conde (Bahia), através da análise de 14 entrevistas realizadas de agosto de 1994 a julho de 1995. Do ponto de vista da medicina psicossomática, sabe-se da ocorrência de pacientes picados por cobras não venenosas e que desenvolvem sintomatologia compatível com o envenenamento por cobras com a peçonha de ação neurotóxica. Assim, o papel da simbologia da serpente como causa de doenças mentais, embora difundido popularmente no Nordeste do Brasil, é aqui pela primeira vez documentado.

Palavras chave: Serpentes. Acidente Ofídico. Morbidade. Mortalidade. Letalidade.

The history of health and disease representations has been marked by a reciprocal relationship between the bodies of the human beings and the surrounding objects and living creatures, including the snakes, as source of adoration, cult and fear. This paper aimed to present the reconstruction of a case of mental disease attributed to a rattle-snake envenoming, which occurred in the rural area of Conde, State of Bahia, Brazil, by analysing 14 interviews performed from August, 1994 to July, 1995. From the point of view of the psychosomatic medicine, it is acknowledged that some patients bitten by non-venomous snakes can develop clinical manifestations which are compatible to those caused by the neurotoxic action of the venom. Therefore, the role of the snake symbology as a cause of mental health, albeit popularly widespread in Northeast Brazil, is firstly reported.

Key words: Psychosomatic. Snakebite. Snake.

Desde a mais remota Antigüidade a serpente exerceu influência preponderante na imaginação popular. No paraíso a vemos como princípio do mal e a origem da primeira queda do homem. Objeto de temor supersticioso, mas altamente justificável pelo mal que pode causar, a serpente foi objeto de culto entre os povos da Antigüidade, que procuravam aplacar seu furor usando do mesmo método que empregavam para agradar aos outros Deuses imperfeitos e iracundos que haviam imaginado⁽⁸⁾.

Nas antigas civilizações a serpente personificou o espírito da terra. De acordo com as crenças do Egito, *Atoum* (a serpente) depois de deixar as águas primordiais, deu o dia para os deuses, os quais, por sua vez, criaram o ar e a terra. *Uraeus*, a cobra dourada, símbolo da soberania, conhecimento e vida brilhou na testa de Ísis e ela viria a ser o emblema do poder sagrado da linha real, a qual foi tragicamente extinto com a morte de Cleópatra. Na língua dos Chaldeans, existe apenas uma palavra para “vida e serpente”, significando a mesma coisa⁽²⁾.

A história da adoração e do culto das cobras perde-se no passado. Os índios norte-americanos associavam a cobra à

chuva e aos raios. Na Nigéria, por exemplo, existe um provérbio que diz: “quem maltrata uma cobra está ofendendo um antepassado”. Segundo uma lenda indígena, entre os mesoamericanos, o trovão é formado por sete cascavéis voadoras, que gritam umas para as outras e sacodem seus chocalhos enquanto cruzam os céus. Os praticantes africanos do “vodu” utilizam cobras em suas cerimônias e para algumas, o deus Leza veio à terra e perguntou a todas as criaturas vivas: “quem não deseja morrer nunca?”, todos os homens e animais estavam dormindo e somente a cobra estava acordada e respondeu: “eu!”. Assim, acreditam que as cobras não morrem nunca, mas rejuvenescem toda vez que trocam a pele⁽⁴⁾. Essa lenda africana coincide com a dos primeiros alquimistas gregos, os quais conciliaram as duas tendências antagônicas escolhendo um símbolo ambivalente, muito próprio deles: a serpente Ouroboros (que morde a própria cauda), ora exprimindo as trevas, ora o tempo infinito, mas de qualquer forma demarcando o limite circular do mundo humano e, também adotaram este símbolo como emblema da dissolução da matéria. A serpente Ouroboros é a composição que no seu conjunto é devorada e fundida, dissolvida e transformada pela fermentação^(1,6), o que pode representar o processo de rejuvenescimento.

Em muitos países, principalmente da Europa, a serpente figura como símbolo da fertilidade, eternidade, predição do futuro, presságio de felicidade, trabalho, admiração e respeito. No Brasil não existe uma prática de culto, respeito ou veneração; muito pelo contrário, predomina um medo de

Recebido em 08/09/2008

Aceito em 08/06/2009

Endereço para correspondência: Profa. Dra. Rejâne M. Lira-da-Silva, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Campus Universitário de Ondina, Salvador, Brasil, 40.170-210. Tel: 71 32836564. FAX: 71 32836511. E-mail rejane@ufba.br.

grandes proporções, superstições e representações comumente associadas ao domínio do homem pela serpente através do fenômeno da hipnose, bem como o efeito do envenenamento que se relaciona muitas vezes à ocorrência de perturbações mentais^(8,5).

Desde os tempos primitivos o homem convive com serpentes no campo, nas matas, nos rios e no mar, onde uma picada pode ser fatal. A peçonha - uma complexa mistura de enzimas e toxinas - resulta da secreção de glândulas salivares modificadas. A picada da serpente no homem ou em animais domésticos pode causar acidente grave, que o nosso caboclo descreve com propriedade: "se não mata, aleija"⁽³⁾.

A história das representações de saúde e doença foi sempre pautada pela inter-relação entre os corpos dos seres humanos e as coisas e os demais seres que os cercam. Elementos naturais e sobrenaturais habitam estas representações desde tempos imemoriais, provocando os sentidos e impregnando a cultura e os espíritos, os valores e as crenças dos povos. Entre os povos sem escrita, a doença era vista como resultado de influências de entidades sobrenaturais, externas, contra as quais a vítima comum, o ser humano não iniciado, pouco ou nada podia fazer⁽⁷⁾.

As concepções dos gregos quanto às enfermidades foram anteriormente mágicas e religiosas, onde atuavam nos templos sacerdotes do deus da medicina, Asclépio. As pessoas doentes procurando por cura, peregrinavam ao seu templo acreditando que o simples toque da língua das serpentes dariam visão aos cegos.

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma abordagem psicossomática do acidente ofídico, através da apresentação de um caso de doença mental atribuída ao envenenamento por serpente.

O acompanhamento do paciente foi feito pela equipe do Projeto "Social and Cultural Landmarks in Community Mental Health - Phase II: Illness Management Strategies and Mental Health Systems in Bahia, Brazil", coordenado pelos Professores Dr. Naomar Monteiro de Almeida-Filho e Dr. Carlos Caroso do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Foram realizadas 14 entrevistas no período de agosto de 1994 a julho de 1995.

Relato de Caso

O caso apresentado trata de um paciente psiquiátrico que atribui a sua doença à "pisada" que deu na "espinha" de uma cascavel, enquanto estava pescando no mangue.

O paciente apelidado por um vizinho, de Bem-te-vi, nasceu e mora na zona rural do município de Conde, Bahia, não tem certeza da idade mas o irmão dele diz estar na faixa dos 60 anos; é aposentado como agricultor e atualmente faz pequenos serviços domésticos como varrer a casa de D. Neném e pescar de fora d'água. É solteiro e tem 2 filhos, cada um com uma mulher. Antes de ficar doente pescava também para sustentar a família (ele, um irmão, duas irmãs e a mãe; esta última já morreu como também uma de suas irmãs). Eles não conviveram muito com o pai, que morreu quando Sr. Antônio nasceu.

Bem-te-vi é um paciente psiquiátrico, segundo o seu irmão "tem juízo fraco", além de ser "aleijado dos dedos", apresentar muitas feridas e "não ter firmeza" no pés. Todos, inclusive ele, atribuem o seu problema ao fato de ter pisado em uma "espinha" de cascavel, quando ele (não se sabe há quanto tempo, mas a mãe e a irmã ainda eram vivas) estava pescando em um brejo sujo (provavelmente abril ou maio, este último considerado o mês das cobras).

Depois disso, dizem que ele nunca mais "aprumou o juízo", "nunca mais prestou" e passou a ter uma fala "arranhada" e muitas feridas no pé. Sr. Antônio diz que o veneno subiu para o "juízo" e que a "espinha" de cobra ficou na perna dele e que em noite de lua ele "papoca as perna". Diz que antes disso ele "era são e vivia direitinho, com a roupa engomada e gostava de farrar, depois da 'espinha' da cobra, pronto!". Diz que no dia em que isto aconteceu, nenhum tratamento foi feito porque não tinha médico, e eles não podiam levar a um, pois eram pobres. Só levaram ele para rezar.

Sr. Antônio diz que ele já tomou injeção para o problema da cabeça e dos pés e que em noite de lua, o problema piora ele lava as suas pernas com óleo, faz um curativo com algodão e no outro dia de manhã tira até "bicho das perna". "Em conjunção de lua ele abre as pereba e fica nervoso e fica dizendo que as perna tá doendo, incomodando". Quando ele fica nervoso, Sr. Antônio faz uma "garapinha" e ele se aquieta. Atualmente não usa remédio.

Hoje Bem-te-vi passa o dia todo em casa, só sai com Sr. Antônio para visitar parentes ou limpar o quintal de D. Neném, quando quer, e às vezes só limpa pela metade. D. Neném disse que é porque "o juízo num dá" e Sr. Antônio diz que é por causa do "ataque no juízo". Às vezes faz cerca, mas seu irmão diz que ele "não apruma direito, faz pela metade e fica dando as estacas". Fica deitado o tempo todo ou na janela, tem uma fala embolada e conversa sozinho. Não sabe ler, mas sabe escrever pouco e não escreve desde que a mãe morreu. Não sabe cozinhar. Não toma banho sozinho, apesar de gostar, o irmão é quem dá banho nele, de 8 em 8 dias. Quando ele toma banho lava só as pernas, o corpo fica sujo. Não sabe se vestir sozinho e quando tenta, o irmão dele diz que ele tem que endireitar, porque "ele veste do lado de trás pra frente". Não sabe acender fogo. Todo mês ele vai com uma vizinha buscar a sua aposentadoria e apesar de não conhecer dinheiro, nem saber fazer conta (sabia, mas já esqueceu), sabe exatamente o que recebeu. Quando deixa o dinheiro com esta vizinha para ela guardar, confere e sabe se está faltando alguma coisa. Assina "pela metade" só o nome Jonas, "num bota sobrenome".

Ele acorda cedo, todos os dias às 6:00 horas da manhã e dorme às 9 da noite. Esquece muitas coisas, mas lembra no outro dia das conversas que teve de noite com o irmão. Lembra do filho que mora no Rio de Janeiro e quando recebe presente fica alegre e diz "ó aqui ó, meu fio mandou". Lembra da esposa Maria que já morreu. O outro filho (alguns têm dúvida que é dele, mas afirma ser seu), na época recém-nascido, é fruto de um relacionamento com uma menina de 18 anos, baixinha,

tirada a anã e de cabelo redondo. Sr. Jonas diz que fez o filho na casa dele. Ele fuma de vez em quando cigarro de palha e continua bebendo às vezes no final de semana; diz que gosta de qualquer tipo de cachaça “sendo cachaça!”.

Sr. Antônio diz que ele “num pode passar de comer” e que um dia quando estava trabalhando caiu de fraqueza (segundo um médico que eles consultaram).

O que deixa Sr. Jonas bastante “nervoso” é quando os meninos da rua, vaqueiros ou outras pessoas desconhecidas o chamam pelo apelido de Bem-te-vi, com exceção do irmão, da irmã, de D. Neném e de D. Márcia, uma vizinha “estudada”. Com os adultos ele não faz nada mas com as crianças ele sai com a foice ou o facão na mão para atirar nelas. A foice é guardada por ele debaixo ou encima da cama. Ele se aborrece também quando o seu irmão briga com ele, porque ele só varre metade do quintal, a outra metade ele deixa suja. Bem-te-vi diz que se pega os meninos dá uma surra neles. Matou um homem com um “açoite”, antes de morrer o homem disse que foi por causa de um “trompaço” que Bem-te-vi deu nele.

O apelido que ele não gosta de ser chamado, Sr. Antônio diz que ele tem “desde mãe”, e quem colocou foi um vizinho chamado Zé.

Sr. Antônio acha que ele só vai ficar bom da cabeça quando Deus quiser, mas os pés ele não “endireita mais”, vai ficar assim até quando descansar.

Discussão e Implicações Clínicas

O que nos chamou atenção para considerar que o veneno da serpente não tenha sido a causa de sua doença é a raridade do acidente onde o indivíduo pisa na “espinha”, que na verdade é a presa do animal, e que nesta presa tenha ainda uma quantidade suficiente de veneno para causar qualquer envenenamento.

Praticamente impossível é afirmar ter sido uma cascavel quando nem se viu a serpente, cuja ocorrência em área de manguezal nunca foi reportada, já que prefere ambientes mais secos. Além disso, o seu veneno não produz lesões no local da picada, como as apresentadas por ele, nem qualquer tipo de distúrbio mental.

O paciente refere que o seu problema poderia ter sido causado porque “bebia muito” quando a mãe era viva (1 garrafa de cachaça por noite) e que piorou depois que a sua mãe morreu. O alcoolismo evidenciado nas entrevistas foi provavelmente a causa da sua doença, considerando os conhecidos efeitos degenerativos que o álcool tem sobre o sistema nervoso central e periférico. Isto pode ser corroborado pela referência que o paciente fez da última vez que ele foi ao médico, onde o mesmo disse que o problema era decorrente da bebida e que ele não ficaria bom.

A busca de um antídoto que cure o paciente acidentado por serpente, tem sido uma constante na vida do homem, seja por meio de plantas, ingestão de partes de animais (fígado, coração, etc.), excrementos, garrotes, incisões e feitiçarias ou rezas, sendo adotadas logo após o acidente na tentativa de impedir a penetração do veneno e até mesmo a cura. O modelo biomédico questiona o uso de tais práticas, considerando que o único tratamento comprovadamente eficaz, até o momento, é o uso do soro antiofídico específico, mas o papel da simbologia da serpente como causa de doenças mentais, embora difundido popularmente no Nordeste, é aqui pela primeira vez documentado.

Referências

1. Alexandrian. História da filosofia oculta. Martins Fontes (Martins Fontes - São Paulo, 1983, 440p).
2. Born GVR, Farah A, Henken H, Welch AD. Snake Venoms (Handbook of experimental pharmacology, Springer-Verlag – Berlim, v. 52, p. 61-158, 1979).
3. Diniz CR - Plantas medicinais e picadas de serpentes. Rev. Ciência Hoje, 6(35):76-77, 1987.
4. Lima RA. Práticas populares empregadas no tratamento de picadas de serpentes na Bahia (Monografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997, 75p).
5. Lira-da-Silva RM, Caroso CA, Rodrigues N. Veneno e anti-veneno: representações e práticas populares sobre picadas de cobras - Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador, BA, p. 20, 1996.
6. Roob, A. Alquimia e Misticismo (Taschen - London, 1997. 711p).
7. Sevalho G - Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. Cad. Saúde pública, 9(3):349-363, 1993.
8. Vital Brazil. A defesa contra o ofidismo (Pocai-Weiss & C., São Paulo, 1911, 152p).